

DE FULBRIGHTER (1984) A IDEÓLOGA DE MUSEOLOGIA / PATRIMOLOGIA INTERCULTURAIS, PROPICIADORAS DE PAZ

MATILDE SOUSA FRANCO

Sempre¹ com receio de me atribuir imerecidos méritos, hesitei imenso quanto ao título e conteúdos deste texto, mas, conforme adiante explico, sobretudo a Declaração do Funchal de 2018, Ano Europeu do Património Cultural, "Museus: Lugares Sociais e Emblemáticos", com os seus princípios e objectivos de interculturalidade e paz, como venho defendendo desde os anos de 1990, obrigou-me a reformulações.

Recordo que, no processo de transformação dos museus, entrou, em 1976, o conceito de Desenvolvimento na definição do International Council of Museums - ICOM/UNESCO, a maior organização internacional do sector.

Nas palavras do museólogo, pós-doutorado pela Universidade de Lisboa, Pedro Manuel-Cardoso a propósito desse documento do Funchal:

"... até à actualidade os Museus viveram sob a influência ideológica desse conceito de Desenvolvimento, sob o qual se digladiou uma tensão entre a Museologia dita "Social e Comunitária" *versus* uma Museologia dita "Tradicional". Esse tempo e essa visão foram ultrapassados com a Declaração do Funchal de 11 de Maio de 2018. Uma nova ruptura e um novo paradigma fizeram a sua entrada no mundo dos Museus e na História da Patrimologia"

¹ NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA - Colaboradora do Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa. Sócia de: Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, Academia Portuguesa da História, Academia Nacional de Belas-Artes, ICOM/UNESCO- International Council of Museums.



I- DIRECTORA DO MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO, COIMBRA (1980-1984) E FULBRIGHTER SOBRE O FUTURO DOS MUSEUS.

O meu trabalho enquanto directora do Museu Nacional de Machado de Castro, na chamada Lusa Atenas, chamou a atenção dos decisores das bolsas Fulbright, os quais agradavelmente me surpreenderam com a que me permitiu ser a única bolseira portuguesa, na Áustria, no primeiro *Salzburg Global Seminar* dedicado a museus: o da Sessão 230, sob o aliciante tema "A Função e o Futuro dos Museus", realizado de 29 de Abril a 12 de Maio de 1984, no Schloss Leopoldskron, em Salzburg.

A sessão decorreu sob orientação de uma equipa de excelência, que integrava Guy-Philippe de Montebello, director do *Metropolitan Museum of Art*, de New York, e durante a sessão tive ocasião de fazer sugestões, o que foi felizmente incentivado e apreciado.

Fui depois a primeira museóloga portuguesa convidada para uma visita de estudo a museus dos E. U. A., visita de um mês, que realizei em Setembro/Outubro de 1985, outra incentivadora experiência.

Sempre gostei de inovar, e na minha carreira de museóloga, o cargo de directora do referido museu de Coimbra, o 2º mais importante museu estatal de Portugal, permitiu-me, aos 36 anos, finalmente a liberdade para começar a inovar na área da Museologia e do Património Cultural/Patrimologia. A vizinhança da Universidade também foi estimulante.

Peço licença para lembrar, por exemplo, que o próprio especialista Hugues de Varine me considerou pioneira na Museologia Social, designadamente:

- na organização de visitas ao museu de doentes psiquiátricos, os quais apresentaram espantosas melhoras;
- no programa "Visitas Sistemáticas das Escolas ao Museu", que trouxe milhares de crianças das escolas do distrito de Coimbra ao



museu (e inaugurei o serviço educativo no museu, e acções do museu na cidade de Coimbra);

- no programa de três anos "Coimbra Antiga e a Vivificação dos Centros Históricos", este também pioneiro na defesa e valorização do património cultural, inclusivamente no pedido de classificação de Coimbra como Património Mundial pela UNESCO, que dizem ter sido o primeiro em Portugal;
- na planificação do que teria sido o primeiro Centro Cultural de Portugal, o qual teria albergado inclusivamente pioneiro Museu de Arte Moderna (este teria sido o segundo, depois do da Gulbenkian, mas muito anterior a Serralves), etc.

O facto de ter sido Fulbrighter no referido e incentivador Salzburg Seminar, deu-me ânimo para inovar ainda mais, mais prezar a liberdade de espírito, mesmo em condições muito adversas.

II- DIRECTORA DO PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA

Por razões da minha vida pessoal (casamento), pedi para deixar Coimbra e ser colocada em Lisboa, tendo sido nomeada Directora do Palácio Nacional de Sintra (Junho de 1984-Janeiro de 1990), o fascinante palácio com mais de mil anos de História, mas então sem director há mais de uma década, com aflitiva falta de pessoal (nunca tive um único técnico a apoiar-me), onde realizei várias obras urgentes (que aproveitei para iniciar escavações arqueológicas), inserto num município (a cerca de 30 Km. da capital), o qual se habituara a mandar no palácio estatal, etc.

Logo, por ofício de 20 de Agosto de 1984, como não quis pedir a classificação como Património Mundial pela UNESCO apenas do Palácio Nacional de Sintra, englobei "parte da vila, serra e monumentos", o que originou a inédita classificação pela UNESCO de Sintra como paisagem cultural.

Organizei ao longo de anos o programa "À Descoberta do Palácio Nacional de Sintra", para o qual convidei historiadores, historiadores de arte, pintores, escultores, desenhadores, a apresentarem em conferências, visitas guiadas, exposições, os resultados dos seus estudos e trabalhos sobre o palácio, o que proporcionou inédita e profunda análise deste essencial e original monumento nacional.



Menciono agora apenas que ficou determinado o dia 21 de Julho de 1414, como a data da histórica decisão tomada neste palácio da conquista de Ceuta, início da Expansão e dos Descobrimentos, numa conferência pelo Prof. Doutor Humberto Baquero Moreno. Numa, então, também pioneira recriação dessa decisão, organizei um espectáculo de "Living History".

A fim de conseguir o arranjo da mata e do jardim anexos ao palácio com critérios históricos, fiz esse pedido ao Prof. Arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles e acolhi uma pioneira exposição sobre Jardins Históricos.

Para documentar várias visitas oficiais ao Palácio, como as do Presidente do Brasil, da Rainha de Inglaterra e do Príncipe Filipe, dos Reis de Espanha, dos Príncipes de Gales Carlos e Diana, dos Imperadores do Japão, dos Reis da Bélgica, etc. , fiz investigações específicas sobre as relações desses países com Sintra, as quais utilizei nas visitas guiadas que fiz às dezenas destas Individualidades, que então visitaram o Palácio, tendo conseguido publicar alguns desses meus estudos.

À época ainda não se faziam alugueres de museus/ palácios /monumentos para jantares, e outros eventos, o que então inaugurei no Palácio Nacional de Sintra. Criei o serviço educativo, e o Grupo dos Amigos do Palácio. Inaugurei o diálogo com os guias de turismo, com a Câmara Municipal de Sintra, com várias instituições e com a população do concelho.

Em cinco anos, foi possível o palácio aumentar a receita cerca de dez vezes (mas essas verbas ficavam todas no Ministério da Cultura), e aumentar o número de visitantes de cerca de 250 mil para o dobro, etc.

III- DIRECTORA DO PALÁCIO/MUSEU DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA / PARLAMENTO

Como, vivendo em Lisboa, não me era conveniente continuar em Sintra, em Janeiro de 1990, consegui ser colocada na capital, como Conservadora/ Directora do Palácio/Museu da Assembleia da República, e, sendo eu independente, fui admitida com rara unanimidade de todos os partidos políticos.



Desempenhei estas funções no Parlamento até Maio de 1995, quando solicitei a saída, tendo então obtido um Louvor dado pelo Presidente, Prof. Doutor António Barbosa de Melo. O meu trabalho no Parlamento teve o interregno de uns meses, quando trabalhei no Museu de São Roque (1991/1992).

Nestas funções no Parlamento, onde há sensibilidades tão diferentes, sugeri e consegui a implementação de vários pioneirismos, como:

- pedir a classificação patrimonial deste belo e antiquíssimo edifício do Antigo Convento de São Bento da Saúde/Antigo Palácio das Cortes/Palácio da Assembleia da República, como Monumento Nacional, o que foi conseguido em 2002;
- considerar que é um museu o próprio edifício com a sua decoração, começando-o a encarar como Museu de Monumento, e, em 1990, fiz a sugestão de recuperação da zona envolvente, designadamente do Arco de S. Bento (que encontrei desmontado; apesar de ter sido aprovada a sua recolocação sobre a Rua de S. Bento, acabou por ser erguido na Praça de Espanha);
- iniciar o restauro e modernização funcional e técnica do edifício, e no estrito respeito de se tratar de um palácio/museu;
- fazerem-se publicações sobre a história e a arte do edifício, sobre a história da actividade parlamentar, sobre deputados, etc. (como então eu estava a escrever vários textos, sobre diversos assuntos, que foram publicados no "Dicionário da História de Lisboa" (direcção de Francisco Santana e Eduardo Sucena, Carlos Quintas & Associados – Consultores, Lda, Lisboa, 1994, aproveitei e publiquei também lá "Museu da Assembleia da República, Palácio de S. Bento, Convento de S. Bento da Saúde, Arquivo Histórico Parlamentar, Biblioteca da Assembleia da República, Museu de S. Roque";
- fazerem-se objectos, que fossem réplicas ou inspirados em peças relacionados com o Parlamento;
- criar-se uma loja/livraria para vender, também ao público, essas publicações e objectos;
- fazerem-se exposições, conferências, visitas guiadas, de forma a tornar o Parlamento acessível ao público, etc.

Destes pioneirismos, naturalmente o mais difícil, mas também por isso o que me deu maior gosto, foi o da simultânea modernização técnica e exacta reconstituição patrimonial da lindíssima Sala do Senado, construída e decorada no reinado de D. Luís I (1861-1889), tendo então naturalmente a presidir a bela pintura com o retrato real.

Considerarei essa sala uma obra de arte integral, tive de argumentar o rei D. Luís ser pouco político, e inclusivamente propus a colocação *in situ* desse retrato, para o que tive de contactar um a um todos os deputados, numa tentativa de convencer todos, o que demorou anos, até porque os deputados são por vezes substituídos. A sala está conforme às minhas sugestões e até parlamentares estrangeiros têm gabado imenso a exemplar tolerância da nossa República Democrática na convivência com o passado !.

IV- DIRECTORA DO MUSEU DE SÃO ROQUE

Entretanto, em 1991, surgiu-me o irrecusável desafio de, enquanto Conservadora/Directora, montar o Museu de São Roque, da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, há anos encerrado ao público e com as salas vazias. Solicitei mais espaço para expor a riquíssima e única colecção de Artes Decorativas barrocas, o que então não foi possível, e com mínimos recursos materiais e humanos, consegui, em cerca de seis meses, inovadora e apreciada exposição museográfica.

Aí também inaugurei o serviço educativo, publicações sobre o património cultural da Santa Casa, e propus inovadoras visitas guiadas e a realização de diversas actividades culturais na anexa Igreja de São Roque, e em outros espaços pertencentes à Misericórdia e espalhados por Lisboa.

V-SONHO DESDE OS ANOS DE 1980: MUSEU DOS DESCOBRIMENTOS. NOS ANOS DE 1990 ACRESCENTEI INOVADORES: CONCEITO DE INTERCULTURALIDADE E OBJECTIVO DE PAZ.

1- De cerca 1980 a 2017

Desde há cerca de 40 anos, venho apontando a necessidade prioritária de um museu que aumentará a auto-estima dos portugueses, aumentará a coesão dos países da CPLP e da Diáspora Lusa, e poderá ser rentável: afinal, a acrescida concretização de um projecto que remonta ao séc. XIX, um museu dedicado aos Descobrimentos Portugueses.

De forma inovadora, tenho defendido que este museu deve ter um conceito intercultural, e ser pacificador em todos os aspectos.

Bem ciente do extremo cuidado necessário para não ferir susceptibilidades, sobretudo entre ideologias de esquerda/direita e país colonizador e colonizados (apesar de o âmbito geográfico e temporal dever ser muito mais vasto, englobando influências portuguesas também em muitos outros países, e até à actualidade), já na década de 1990 concebi uma museologia inovadora com base no diálogo entre as diferentes culturas, tendo por objectivo a paz, chamando então a esse projecto museológico com o à época em voga **Multiculturalismo**.

Refiro duas das minhas intervenções nessa época:

- a) a comunicação na África do Sul, em Mossel Bay, no Museu Bartolomeu Dias, com o título "Museum of Multiculturalism of Portuguese Origin", publicada em *The Paths of Multiculturalism. Travel Writings and Postcolonialism*, Proceedings for the Mossel Bay Workshop of the 16th. Congress of the International Comparative Literature Association, Edited by Maria-Alzira Seixo, John Noyes, Graça Abreu and Isabel Moutinho, Edições Cosmos, Lisbon, June, 2000, pp. 415-421. Continua actual inclusivamente o conteúdo da parte final dessa minha comunicação, a qual cito:

" What I think would attract the crowds and display the Portuguese identity is the Museum of Multiculturalism of Portuguese Origin, where there should be a tremendous educational intent, resorting to a variety of objects and techniques, so that any Portuguese person or foreigner would clearly understand what the Portuguese Discoveries and expansion represent. I am certain that such a museum would also help us, people of different cultures, to understand ourselves better. It would, furthermore, be a contribution to peace in the world".

- b) a conversa com a jornalista Cristina Margato deu origem ao seu texto, que ela simpaticamente intitulou "O Museu de Matilde", publicado na revista do semanário *Expresso* de 24 de Março de 2001, pp. 90-92. Cito partes do seu último parágrafo:

"... o novo museu poderia ser instalado na Cordoaria Nacional, até "pelo significado do local". Museu do "coração disperso", por considerar que Portugal tem de facto a alma espalhada pelos continentes, este espaço também serviria para melhorar a própria relação dos portugueses com a sua história e com a identidade nacional. Não admira que Matilde Sousa Franco, na tentativa de definir em poucas palavras o projecto que idealizou, troque MMOP (sigla com as iniciais de Museu do Multiculturalismo de Origem Portuguesa) e a longa palavra multiculturalismo por outro título: "Museu da auto-estima". Porque acredita que, "ao ajudarmo-nos a compreender-nos, podemos contribuir para a paz mundial".

Como se sabe, o conceito de multiculturalismo tem recentemente sido posto em causa, mas já desde meados da 1ª década do século XXI eu o substituíra pelo da interculturalidade, inspirada na máxima do filósofo francês Jacques Demorgon : "o intercultural é o motor da evolução das sociedades".

Assim, o registei, por exemplo, no *Diário da Assembleia da República*, X Legislatura, I Série, nº 91, 15 de Junho de 2009, pp. 57-59, enquanto deputada independente cabeça-de-lista pelo distrito de Coimbra, na Declaração de Voto justificativa do meu voto a favor do Projecto de Resolução nº 469/X/4ª - "Propõe a imediata suspensão da construção de novo Museu dos Coches e a abertura de um processo de discussão pública".

O Plenário da Assembleia da República rejeitou este diploma, e a minha Declaração de Voto foi a única a este respeito, mas já antes, na Comissão de Ética, Sociedade e Cultura, uma das comissões a que pertenci enquanto deputada parlamentar, eu tudo tinha feito para travar o que hoje generalizadamente se considera um erro museológico.

Transcrevo uma parte dessa minha Declaração de Voto:

".. Há muitos anos que venho também tomando posições públicas sobre a política cultural nesta área e penso que não é prioritária a reinstalação do Museu Nacional dos Coches, ao contrário do que acontece com o Museu Nacional de Arqueologia, com o Museu Nacional de Arte Antiga (com a valorização também das excepcionais Artes Decorativas Portuguesas), com a criação do



Museu do Interculturalismo de Origem Portuguesa (com a incorporação do Museu da Língua e a lógica componente da Diáspora Portuguesa e dos Descobrimentos), etc.".

2- Em 2018, Ano Europeu do Património Cultural

No início de 2018, resolvi regressar a este tema que, como demonstrei, me apaixonou há mais de quatro décadas, e publiquei três longos artigos no jornal online *Observador*: "Museu da Interculturalidade de Origem Portuguesa e não Museu das Descobertas" (24 de Março de 2018), "Interculturalidade de Origem Portuguesa como Património Mundial, e mais elementos e sugestões para esse museu" (9 de Abril de 2018) e "Academia Portuguesa da História apoia "com o maior entusiasmo" o Museu da Interculturalidade (e não o Museu das Descobertas" (3 de Maio de 2018).

Quando ia publicar o primeiro destes 3 artigos, e como aí refiro, tive conhecimento, através de uma polémica veiculada pela comunicação social, de que a Câmara Municipal de Lisboa tinha tido a iniciativa de, finalmente e felizmente, fazer um "Museu das Descobertas", iniciativa esta que remonta a 2015.

Evidentemente, quis-me manter afastada dessa expectável polémica, mas os imensos e ponderosos apoios que no escasso espaço de tempo de cerca de um mês o meu pacificador projecto museológico da interculturalidade granjeou (vd. os meus referidos artigos de 9/4/2018 e sobretudo o de 3/5/2018) mais justificaram a justeza e pertinência do seu enfoque na interculturalidade.

No *Observador* destacaram, como subtítulo deste meu último artigo: "Ideias como a do Museu da Interculturalidade são pacificadoras e espero que aceites pelo Ministério da Cultura e pela Câmara de Lisboa, e são por certo também bem-vindas neste Mundo tão sedento de Paz".

Permita-se-me transcrever uns extractos deste meu artigo:

"... É pioneiro de uma Museologia Intercultural o museu que sugiro substitua o Museu das Descobertas (não apenas no nome), e cujo conteúdo e objectivo principais são a paz. ...

Trata-se de pioneira museologia, a que chamo intercultural, focada no presente e no futuro e não só no passado da Expansão e dos Descobrimentos, ainda pioneira porque a Expansão e os Descobrimentos são complementados com uma moderna exposição da profunda interculturalidade que esses acontecimentos, que revolucionaram o Mundo, proporcionaram: o Museu da Interculturalidade, ou com outro nome, mas o mais importante são os aspectos da concepção, dos conteúdos e o objectivo de Paz. ... "

Urge criar museus construtores de paz e não de guerra, lembrando sobretudo que o *International Council of Museums* – ICOM, a maior organização internacional do sector, tem relações formais com a UNESCO, e esta tem estatuto consultivo na ONU, tendo ambas como objectivo máximo a Paz. Bem consciente de que este projecto precisa, desde a origem, de alargados grupos de historiadores e outros especialistas, em diversas áreas e épocas, contactei e logo obtive essencial apoio, como adiante pormenorizo, de:

- a Academia Portuguesa da História (a que pertença há décadas),
- Academia das Ciências de Lisboa (sou colaboradora do seu Instituto de Altos Estudos),
- da Academia de Marinha.

A Academia Portuguesa da História, por decisão do Conselho Académico, de imediato aceitou colaborar "com o maior entusiasmo" no projecto do "Museu da Interculturalidade". Por outro lado, como um museu pela sua essência precisa de museólogos desde a origem, também logo contactei o *International Council Museums* – ICOM/UNESCO, a que pertença há décadas, através do Presidente do Conselho Internacional dos Museus ICOM/UNESCO Europa, o meu colega e amigo Prof. Doutor Luís Raposo, o qual também logo me felicitou e apoiou "com entusiasmo"...

Contactei ainda centenas de colegas museólogos e historiadores, também através das 3 vastas Redes *World Wide Web museum*, *histport* e *archport*, tendo não só obtido apoios, mas também o pedido para que a Câmara Municipal se Lisboa e a Direcção-Geral do Património Cultural/Ministério da

Cultura (que tem a tutela técnica de todos os museus) formalmente me convidem e ao Presidente do ICOM Europa, para trabalharmos num Programa Preliminar de Concepção do Museu, com o que concordo se a Academia Portuguesa da História também colaborar.

Também obtive o generoso elogio de eu e o Presidente do ICOM/UNESCO Europa sermos "dos melhores profissionais que temos entre nós, e que poderão, sem qualquer dúvida executar um bom projecto museológico".

CONCLUSÃO

Independentemente do que os decisores políticos agora decidirem quanto a este museu, saliento para já vários aspectos positivos:

- 1- A classificação que propus de os Descobrimientos e a Interculturalidade Portugueses serem Património Mundial da UNESCO avançará de qualquer forma e essa será uma imensa mais-valia para Portugal e para todos os países da CPLP.
- 2- Foi pioneiro este meu projecto museológico sobretudo em 4 vertentes:
 - pela inovadora Museologia Intercultural a favor da Paz (que eu vinha propondo desde a década de 1990);
 - pelo apoio das Academias (sobretudo o apoio “com o maior entusiasmo” da Academia Portuguesa da História);
 - pela democraticidade que eu lhe quis imprimir submetendo-o ainda ao escrutínio das centenas de colegas historiadores e museólogos das redes da internet;
 - pelo eco e adesão que suscitou na CPLP e na Diáspora Lusa.
- 3- Tem havido alargado e utilíssimo debate e intervenções públicas, não só sobre este museu, mas sobre política cultural e museológica, o que anteriormente nunca se tinha conseguido.
- 4- Há a possibilidade de realizar o museu noutras autarquias portuguesas, e talvez até noutro(s) país(es).
- 5- O mais importante, como tenho sublinhado, é o conteúdo do museu observar a Museologia Intercultural, mas como tem havido tão grande preocupação com a sua designação, sugiro, por exemplo: Portugal e o Mundo; Portugal no Mundo; Mundo Português; Portugal Global Plural Social, com a sigla GPS.
- 6- Lembrando a ênfase no diálogo social intercultural e na paz, que, desde os anos de 1990, venho indicando o património cultural e os museus deverem conter, e o maior uso das novas tecnologias que venho também propondo para o Museu da Interculturalidade



de Origem Portuguesa (ou com outro nome), finalmente, mas não em último lugar, em 11 de Maio de 2018, surgiu um marco na Museologia Internacional e na História da Patrimologia: a chamada Declaração do Funchal no Ano Europeu do Património Cultural "Museus, Lugares Sociais e Emblemáticos", documento conjunto da Aliança Regional Europeia do Conselho Internacional dos Museus (ICOM Europa) e da Federação Mundial dos Amigos dos Museus (WFFM), em que se pretende designadamente "contribuir para a promoção do património cultural como um elemento importante nas relações entre a União e países terceiros ... realçar o potencial de cooperação em questões relativas ao património cultural para o fortalecimento dos laços na União e com países fora da União e incentivar o diálogo intercultural, a reconciliação pós-conflito e a prevenção de conflitos. Os museus e os monumentos desempenham um papel central neste diálogo intercultural"....

Enfim, a Bolsa Fulbright que, em 1984, poderosamente me incentivou no sentido de maior liberdade e criatividade, muito ajudou a este novo paradigma na História da Museologia e da Patrimologia Interculturais e a favor da Paz.